

## Relato de experiência

### CONHECE-TE A TI MESMO: A MITOLOGIA REINVENTADA

JOYCE FARIAS DE OLIVEIRA<sup>1</sup>

Universidade Santa Cecília de Santos – Pós-graduação em Patrimônio Cultural: Memória e Preservação

A capacidade de aprender e reproduzir o sequenciamento de experiências vividas e transmiti-las a seus descendentes deu ao homem a superioridade que ganhou na natureza enquanto espécie. Não basta descobrir e inventar, é preciso ensinar e passar o conhecimento às outras gerações. A memória é essa capacidade humana de transmitir aquilo que o homem herdou, aprendeu e preservou de seus ancestrais. Por isso, falar da importância da formação cultural do homem é uma forma quase pleonástica de nos referirmos às nossas origens.

Muitos discutem as infinitas performances da memória na vida humana e como ela se associa à temporalidade a ponto de ditar tais referências. Esse processo para indivíduos ou grupos sociais é determinante para a organização do seu meio. Essas referências são um conjunto de práticas, que visam valores de comportamento através da repetição, o que implica um fluxo contínuo em relação ao passado, à experiência já vivida. Assim, a memória é um processo social, já que ela catalisa referências aos quais indivíduos e sociedades usam como

mecanismos de identificação do seu grupo, do seu tempo, da sua cultura.

De acordo com Neves (1994), além dessa forte ligação ao já vivido, há sempre algo de renovado, algo criado na nova experiência proporcionada pela memória. Nem sempre há necessidade de essas repetições acontecerem, e sim de elas serem refletidas, repensadas e, por que não, reinventadas.

A compreensão da memória como construção do comportamento narrativo, seus movimentos se renovando nos processos auto-organizativos, as associações múltiplas que incessantemente constrói e reconstrói entre temporalidades, a liberdade com que articula e ressignifica suas coordenadas." (NEVES, Margarida de Souza, 1994.)

A temporalidade exercida na memória se refere ao resgate que ela proporciona ao passado. Porém, há algo nessa relação que sempre conduz às inquietações e questionamentos vivenciados no presente. É justamente isso que nos leva a requisitar a memória das experiências da vida humana em épocas anteriores. Todo indivíduo tem necessidade de ressignificar a vida. Isso desencadeia um retorno

aos primórdios de seus ancestrais, em busca de respostas que partem de reflexões sobre as quais questionam: Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos?

A partir do momento em que as pessoas sofrem as experiências que a vida proporciona, tentam entender a condição de estarem vivas e o meio em que vivem. Há necessidade de que a vida tenha significado para compreensão do que somos. E, nesse processo, ressaltamos a diferenciação que o homem tem dos outros animais porque conta histórias. Sempre houve necessidade de transformar as experiências da vida humana em narrativas atemporais, mágicas e, sobretudo, coletivas. Elas narram a aventura humana de desbravar os mistérios da vida. Com isso, promovem inúmeras narrativas que alimentam o imaginário coletivo, que buscam nessas histórias míticas o entendimento ou orientações para a jornada da vida para outras gerações.

É justamente disso que o mito trata. O mito vem colocar a mente em contato com essa experiência de estar vivo. Ele diz o que a experiência é. Não como fatos, mas como metáforas, porque a reflexão mitológica se volta sempre para questões eternas da humanidade. De acordo com a consciência mítica, tudo deve ter tido sua origem. A realidade das coisas está aí a demonstrar a repetição das origens, nos ciclos da vida. O mito consiste nessa história inacabável, torna-se eterno porque se repete sempre. Reconhece, em cada ato cotidiano, sua manifestação. Devido a seu caráter fundamental, o mito conserva, até os dias de hoje,

vitalidade e forte presença, pois trata dos mesmos problemas existenciais, morais e sociais, que continuam a assolar a humanidade. Por isso o homem não deixou de criar novos mitos.

O mito relata uma história verdadeira, na medida em que toca ao homem ser mortal, organizado em sociedade, obrigado a trabalhar para viver, submetido a acontecimentos e imprevistos que independem da sua vontade. Os mitos oferecem modelos de vida, mas os modelos têm que ser adaptados ao tempo que se está vivendo. Porém, nosso tempo mudou tão depressa que o que era aceitável alguns anos atrás não é mais hoje. As virtudes do passado são, muitas vezes, os vícios de hoje. E muito do que se julgava serem os vícios do passado, são as necessidades morais da vida atual.

### **Reinvenção dos mitos gregos por modelos negros: a formação de um novo olhar**

A aventura de viver é proporcionada pelos mitos, que nos solicitam a experimentar a vida. Talvez essa concepção tenha sido a verdadeira lição para se aprender e ensinar: a vida. A vida humana que na sua jornada nos diz quem somos através de metáforas, que nos desafia a desvendá-las a quase todo o momento, no caminho de nossa existência no mundo.

E trazer novamente à tona a presença do mito no nosso tempo, afirmando sua existência, ao se permitir enxergar além da fresta de uma porta entreaberta, foi a problemática deste tema, que toma proporções maiores quando os mitos

são inseridos nesta sociedade, que apresenta singularidades pelas diferentes culturas encontradas nela. Então, como escolher mitos que corresponderem a um diálogo recíproco entre essas culturas que formam a sociedade brasileira? E desse mesmo diálogo, quais as discussões causadas pela reflexão sobre essas diferenças, mas principalmente as semelhanças entre as duas culturas, que serviram de temas para a arte-educação?

Há uma complexidade na construção das imagens e textos referentes à reflexão expressa nesse diálogo, quando o trabalho apresenta os mesmos mitos gregos, mas agora revestidos da pele negra, revelando uma amálgama cultural na sociedade brasileira. Isso deflagra o conflito de identidade cultural do país. Da imagem do negro brasileiro, convencionado à cultura ocidental, que fundamentou nossa educação, traduz a sociedade em seus aspectos culturais e sociais, em seu modo de vida, afirmando a presença da cultura africana no cotidiano dessa sociedade, que não assume seu lado afro-descendente, suas africanidades.

Tratar de africanidades de modo sutil, tratar de africanidades através dos temas transversais, que levantem a questão sobre a postura dos cidadãos pertencente a essa sociedade, onde seja possível trabalhar com este material, a ética, o meio ambiente, a saúde e a orientação sexual; o trabalho e o consumo; a pluralidade cultural.

A própria sociedade brasileira me ofereceu os modelos para recriar os mitos. Todavia, eles não são tão clássicos, como o de Praxíteles ou Canova, entre outros artistas que

recriaram os deuses, de acordo com a teoria do belo de Platão.

Há vestígios dessa concepção grega, que permeiam a própria sociedade brasileira, que sofreu miscigenação. Então, por que não tratar de estética num país que se consolida pela estética ocidental (herança dos gregos), mas que é marcado pela variedade de etnias em sua formação cultural? Etnias que não preservavam a mesma concepção ocidental. Etnias que trouxeram uma outra abordagem do que é belo em suas culturas, uma estética contraditória a Platão, como a estética negro-africana em suas particularidades. A força de sua simbologia, em seus mitos, para construir sua arte e sua sociedade.

Trabalhando sempre com respeito a ambas as culturas, mas afirmando que adotamos e conotamos vários mitos, de formas diferentes, de variadas culturas que formaram o nosso país. Mas se observarmos melhor a porta entreaberta, que identifico como "Conhece-te a ti mesmo - A mitologia reinventada" são os mesmos mitos... Gregos ou africanos, que falam a mesma língua, do sentido da vida para todos os seres humanos.

Um provérbio africano que se refere não só à educação de crianças e jovens, mas também ao relacionamento do indivíduo com a sociedade, diz simplesmente: "Existo porque existimos, existimos porque existo". Essa mensagem, difundida por várias mitologias e espiritualidades africanas, pode ser a base para histórias que contamos aos jovens do nosso tempo.

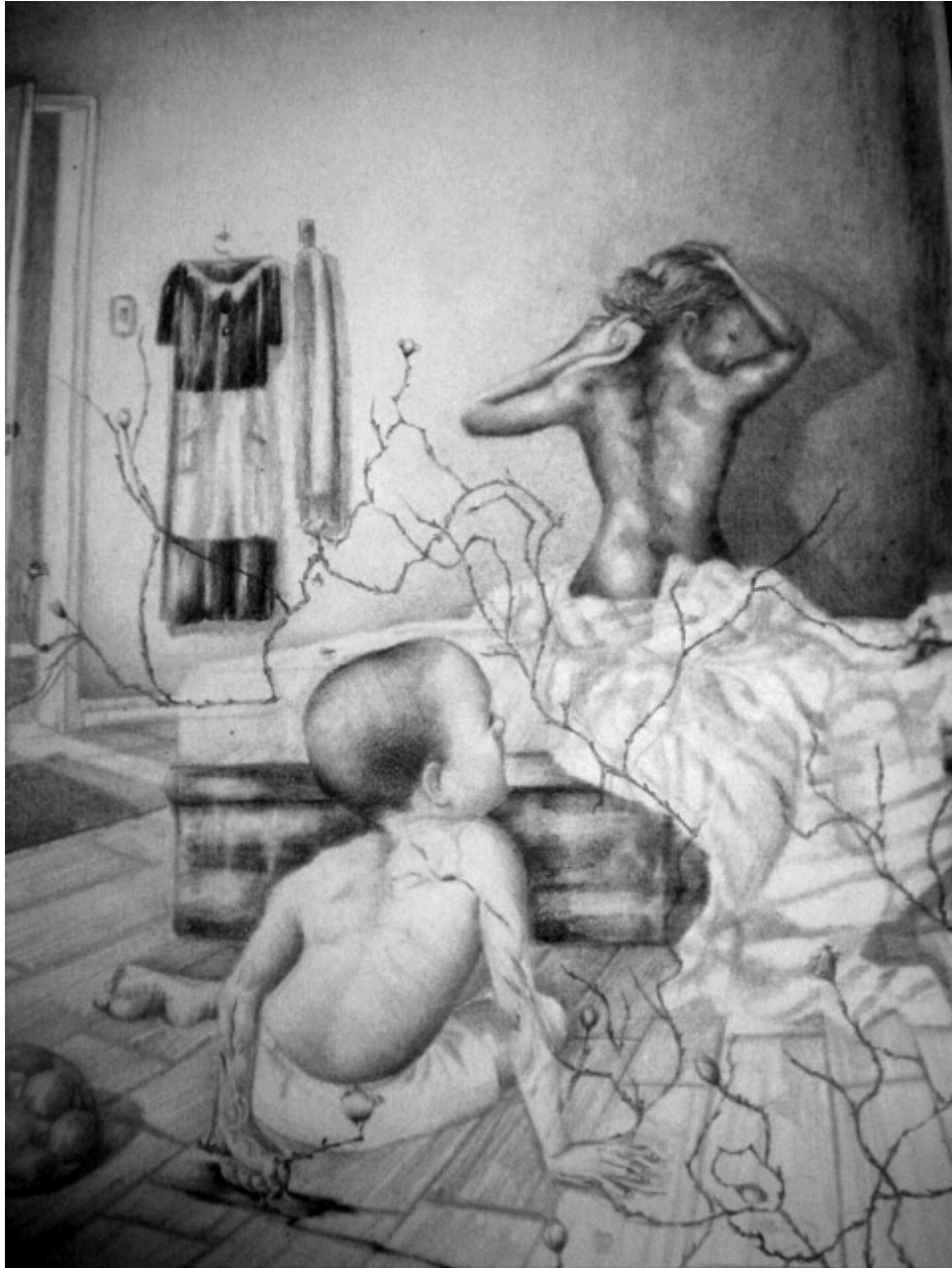


Fig 1 - Título: Adonis. Autor: Joyce Farias de Oliveira. Técnica: Desenho.



Fig 2 - Título: Afrodite. Autor: Joyce Farias de Oliveira. Técnica: Desenho.



Fig 3 - Título: Hermes. Autor: Joyce Farias de Oliveira. Técnica: Desenho.



Fig 1 - Título: Cronos e Réia. Autor: Joyce Farias de Oliveira. Técnica: Desenho.

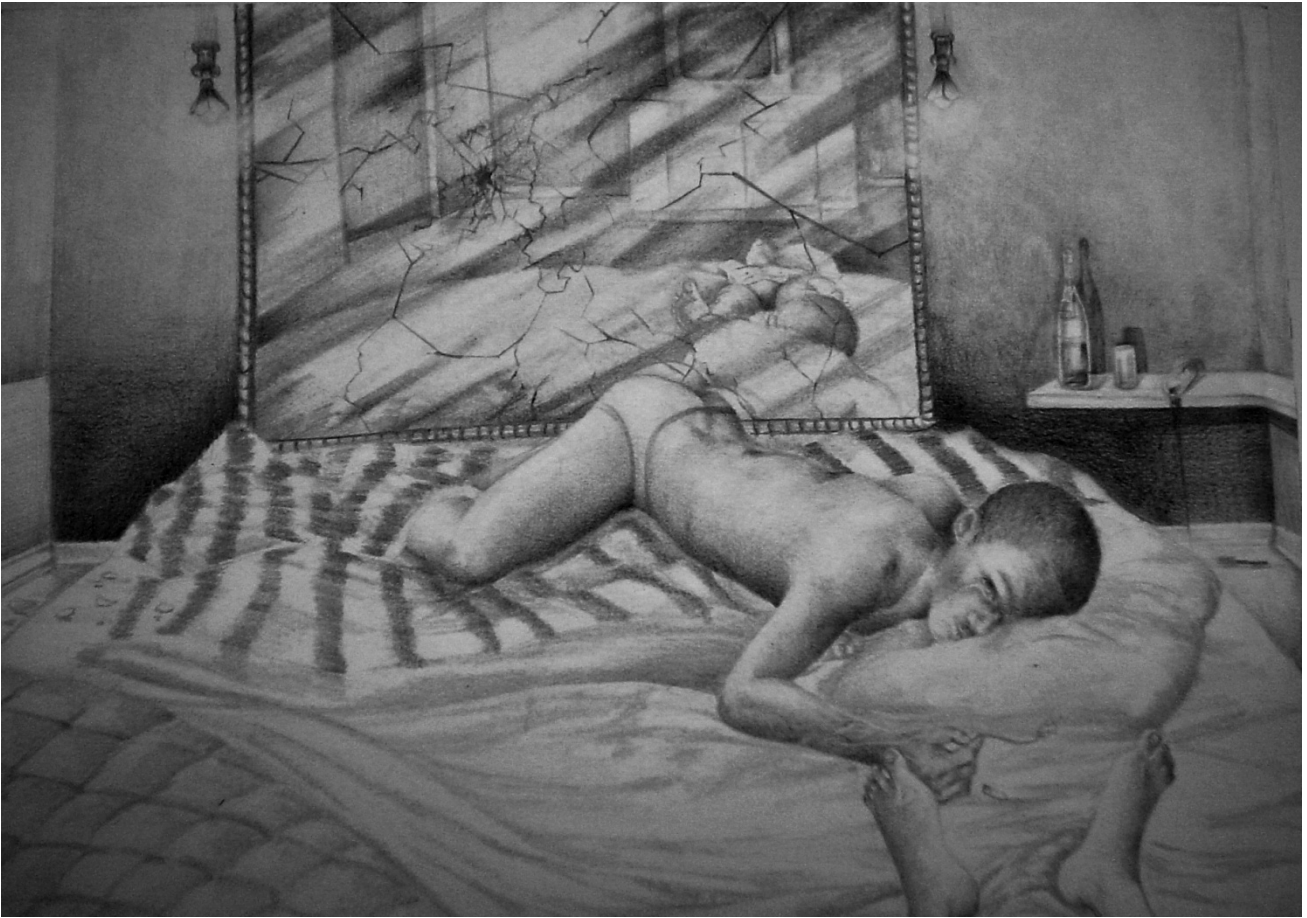


Fig 1 - Título: Apolo e Jacinto. Autor: Joyce Farias de Oliveira. Técnica: Desenho.

### Referência bibliográfica

NEVES, Margarida de Souza. *Os jogos da Memória. IN: Ler e escrever para contar.* Ilmar Rohloff de Mattos (org) Rio de Janeiro: Access Editora, 1994.

<sup>1</sup>**Joyce Farias de Oliveira.** Formada em Educação Artística /Licenciatura plena em Artes plásticas pela Universidade Santa Cecília (Unisantia - Santos); Curso de extensão em Cultura Africana pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Desde 2006 integra o Grupo de Gravura Mariana Quito (Secult /Santos-SP). Trabalhou em projetos culturais na área de pesquisa - site Portogente - link: Mar de sonhos (sobre cultura japonesa) e Mostra de Africanidades realizada na Estação da Cidadania em Santos. Atualmente ministra curso de desenho artístico das Oficinas Culturais na Secretaria de Cultura Municipal de Santos (Secult). E-mail para contato: Jo\_farias4@yahoo.com.br